

**A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS:  
Reflexões sobre um curso de formação continuada para docentes da rede  
pública do Distrito Federal**

**EL ARTE DE CONTAR HISTORIAS:  
Reflexiones sobre un curso de formación continua para docentes de escuelas  
públicas del Distrito Federal**

**THE ART OF STORYTELLING:  
Reflections on a continuing education course for public school teachers in  
the Federal District**

**Cristina Aparecida Leite<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-9033-71031>

**Luciana Hartmann<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-1203-50272>

**Resumo**

Este texto é parte de uma pesquisa em andamento que busca fazer o registro histórico e analítico da ação de formação continuada para docentes intitulada A Arte de Contar Histórias, ofertada na rede pública do Distrito Federal desde 1999. Fazendo uso da bricolagem metodológica (KINCHELOE; BERRY 2007), o objetivo é investigar como este curso impacta o desenvolvimento profissional dos professores de diferentes disciplinas, etapas e modalidades. A análise documental permitiu convencionar que o curso aconteceu em três gerações, com a emissão de 3.909 certificados. Foi possível constatar que contribuiu na inclusão da performance narrativa na prática pedagógica, na formação de grupos de contação de histórias, no despertar de escritores, etc.

**Palavras-chave:** Contação de histórias, Formação Continuada, Performance narrativa.

**Resumen**

Este texto forma parte de una investigación en curso que busca realizar un registro histórico y analítico de la acción de educación continua para docentes titulada El Arte de Contar Historias, ofrecida en la red pública del Distrito Federal desde 1999. Utilizando el bricolaje metodológico (KINCHELOE; BERRY 2007), el objetivo es

<sup>1</sup> Doutoranda em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (PPGCEN-UnB). Pesquisa em andamento na linha Cultura e Saberes em Artes Cênicas. Professora-formadora nos Centros de Vivências Lúdicas Oficinas Pedagógicas da SEEDF. Cofundadora do grupo Amoras DF. E-mail: cristinaleite224@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora titular do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Coordena a Rede Internacional de Pesquisa Infâncias Protagonistas: migração, arte e educação. Pesquisadora PQ-Cnpq – nível 2. E-mail: lucianahartmann@unb.br

investigar cómo este curso impacta en el desarrollo profesional de docentes de diferentes disciplinas, etapas y modalidades. El análisis documental permitió constatar que el curso se desarrolló en tres generaciones, con la emisión de 3.909 certificados. Se pudo comprobar que contribuyó a la inclusión de la performance narrativa en la práctica pedagógica, a la formación de grupos narradores y el despertar de los escritores, etc.

**Palabras clave:** El arte de contar historias, Formación continua, Performance narrativa.

### **Abstract**

This text is part of an ongoing research that seeks to make a historical and analytical record of the continuing education action for teachers entitled The Art of Telling Stories, offered in the public network of the Federal District since 1999. Using methodological bricolage (KINCHELOE; BERRY 2007), the objective is to investigate how this course impacts the professional development of teachers from different disciplines, stages and modalities. Document analysis made it possible to stipulate that the course took place in three generations, with the issuance of 3,909 certificates. It was possible to verify that it contributed to the inclusion of narrative performance in pedagogical practice, in the formation of storytelling groups, in the awakening of writers, etc.

**Keywords:** Storytelling, Continuing education, Narrative performance.

### **O Contexto da Pesquisa**

Esta pesquisa, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UnB (PPGCEN)<sup>3</sup>, tem caráter qualitativo, com contornos quantitativos e performativos e adota como abordagem a bricolagem metodológica (KINCHELOE; BERRY, 2007), sendo composta por: pesquisa documental (CELLARD, 2008), pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011) e pesquisa etnográfico-performativa (HARTMANN; CASTRO, 2024; HARTMANN; SOUZA; CASTRO, 2020). O objetivo é realizar o registro da história e da memória do curso de formação continuada A Arte de Contar Histórias, ofertado na rede pública do Distrito Federal, entre os anos de 1999 e 2019, analisando os impactos e sua contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional das professoras e professores de diferentes disciplinas, etapas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio) e modalidades (Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial) de ensino. Como descreveremos na sequência do texto, nossa perspectiva é de que histórias e memórias, quando narradas, são manifestas em performances que permitem que eventos lembrados subjetivamente sejam partilhados coletivamente e, desta forma, re-lembrados. Histórias e memórias, portanto, são tomados aqui como processos vivos, constituídos no coletivo.

---

<sup>3</sup> Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Sociais da UnB, sob número: 5.493.432, de 27/04/2022. Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) Nº 57201422.7.0000.5540.

Como afirma Della Pollock em *Remembering – oral history performance*: “A performance da história oral é em si um processo transformacional” (Pollock, 2005, p. 2).

Os e as professores/as cursistas são oriundos de diferentes áreas do conhecimento, uma vez que a contação de histórias se apresenta como um saber multidisciplinar, com estudos desenvolvidos em diversos campos do conhecimento, como Educação, Letras/Estudos Literários, Ciência da Informação/Tecnologias, História, Filosofia, Antropologia e, claro, especialmente, nas Artes Cênicas, dado o conjunto de habilidades expressivas que envolve. É justamente o interesse pelo estudo da performance narrativa no espaço escolar, com foco na formação de professores contadores de histórias<sup>4</sup>, que possibilita esse saber estar presente nos estudos da arte da cena.

Antes de adentrar em aspectos específicos da experiência investigada, será importante descrever o contexto em que ela foi erigida, uma vez que o histórico destes espaços de formação continuada se conecta radicalmente com a história do curso pesquisado.

Existentes desde 1986 na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), os Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas (CVLOP)<sup>5</sup> atualmente são espaços descentralizados de formação continuada dos docentes. O DF conta com 14 Coordenações Regionais de Ensino (CRE) e cada uma possui seu próprio CVLOP. O seu surgimento na década de 80 aconteceu por iniciativa dos próprios professores, buscando suprir a necessidade que havia de confecção de materiais concretos para o pré-escolar (atual Educação Infantil). O trabalho teve início na Coordenação Regional de Ensino de Taguatinga<sup>6</sup> e foi se disseminando para as outras localidades devido ao sucesso que ia conquistando junto aos docentes. Desde o princípio, o foco era a pesquisa e a proposição de atividades embasadas pelos princípios da ludicidade, criatividade e educação do sensível. Com o tempo, o trabalho foi sendo sistematizado e passaram a ser oferecidos cursos de diferentes cargas horárias e oficinas temáticas de curta duração. Ao longo de quase quatro décadas, já foram mais de 300 diferentes ações formativas ministradas, como: Origami, Rodas de Brincar (com foco em brincadeiras tradicionais), Matemática é brincadeira, Brincadeira é coisa séria, O lúdico no ensino especial, dentre

---

<sup>4</sup> Há um número considerável de pesquisas no Brasil que relaciona a contação de histórias com as artes da cena e/ou a formação de professoras, dentre as quais destacamos a de Bia Bedran (2012), Angela Café (2015), Alessandra Ancona Faria (2011), Gilka Girardello (2004), Giuliano Tierno (2010), entre tantos outros.

<sup>5</sup> Popularmente, tais espaços são conhecidos apenas como Oficinas Pedagógicas, pois foram assim nominados de 1986 até 2018, quando houve a publicação da portaria Nº 388/2018, que alterou para o nome atual.

<sup>6</sup> Brasília, cidade modernista fundada em 1960, não possui bairros e, sim, Regiões Administrativas (RAs), mais conhecidas como “cidades satélites”. Taguatinga é uma destas RAs, que fica a 22 quilômetros do Plano Piloto. Algumas Coordenações Regionais de Ensino congregam mais de uma Região Administrativa.

muitas outras. Conforme relatos ouvidos ao longo da pesquisa<sup>7</sup>, o curso A Arte de Contar Histórias passou a ser o “carro-chefe” de todo o trabalho.

### **Movimentos embrionários do curso**

Gestado na década de 1990, em meio a algumas ações de incentivo à leitura desenvolvidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e pelo Ministério da Cultura (MinC), além de ações em nível local, inclusive oriundas do Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO), da própria SEEDF e dos CVLOP, o curso aparece com este nome nos documentos oficiais no ano de 1999, em duas turmas da Oficina Pedagógica de Brazlândia<sup>8</sup>.

Naquela época, o SINPRO DF contribuía com a formação continuada, oferecendo vários cursos, dentre eles o de “Criação e manipulação de bonecos de fantoches”, oferecido pelo Mestre Zezito<sup>9</sup>, pessoa que também aparece nos registros como colaboradora no trabalho das Oficinas Pedagógicas em várias ocasiões. Ter a presença de um Mestre da cultura popular em cursos de formação continuada de professoras e professores na década de 90, na SEEDF, é um dado que sugere a postura vanguardista das professoras e professores-formadores<sup>10</sup> dos CVLOP.

Os dados oriundos das atas de curso constantes do acervo documental da Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE) informam que na Oficina Pedagógica de Ceilândia<sup>11</sup>, em 1996, o curso “Confecção e utilização de bonecos de fantoches” foi ofertado com carga horária de 40h. Em 1997, houve o curso de 100h: “Contadores de Histórias” e em 1998 foi ofertado o curso: “Contador de Histórias”, com carga horária de 80h. No final de 1998, porém, houve eleição, mudança de governo e a equipe da Oficina Pedagógica de Ceilândia foi destituída, colocando um ponto final no movimento que vinha nascendo ali e que tinha sido fomentado também pelo inovador projeto da Escola Candanga<sup>12</sup>.

<sup>7</sup>Os relatos de professoras formadoras e de participantes do curso foram registrados em diferentes momentos da pesquisa, por meio de cinco Rodas Memográficas (duas presenciais e três online) e entrevistas semiestruturadas.

<sup>8</sup> Região Administrativa localizada a 51 quilômetros do Plano Piloto

<sup>9</sup> Constam nos arquivos do SINPRO os seguintes cursos ministrados por ele: “Oficina Fazendo Brinquedo” (15/03/93 a 18/03/93), “Confecção e Manipulação de Brinquedos Populares” (29/08/94 a 12/12/94 e 13/03/95 a 26/06/95), “Fantoches e Brinquedos populares” (08/1997 a 12/1997).

<sup>10</sup> Na realidade investigada, entende-se por professores formadores aqueles que são lotados em um dos 14 CVLOP existentes, especificamente para ministrar os cursos e oficinas. Os professores cursistas, por sua vez, são aqueles que recebem a formação ministrada em algum CVLOP das Regionais de Ensino. Cada professor cursista pode se inscrever em apenas um curso certificado pela EAPE por semestre/ano.

<sup>11</sup> Região Administrativa que fica a 30 quilômetros do Plano Piloto.

<sup>12</sup> Com o objetivo de diminuir os índices de repetência e de evasão escolar, a Escola Candanga propunha uma nova organização das turmas, constituídas por idade e não por série, buscando eliminar as barreiras entre os níveis da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (VITAL, 2006). Os conteúdos passaram a ser organizados por temas geradores e vários projetos foram implantados.

Na mesma época, em Brazlândia, outras ações formativas também ganhavam força. Naquela Oficina Pedagógica, havia um movimento com relação à produção do papel artesanal bem como às diferentes técnicas de encadernação, incluindo a produção do livro artesanal. Havia também a experiência com a confecção e manipulação de bonecos/fantoches e brinquedos populares. Assim, em 1995, foram realizados os cursos “Meu brinquedo, meu tesouro” (60h); em 1996 “Contando histórias, fazendo bonecos, contando histórias fazendo livros” (100h); já em 1997 “Brinquedos da minha infância (60h)”; em 1998 o curso “Contando histórias, fazendo bonecos, contando histórias fazendo livros” (60h).

Uma característica recorrente no trabalho dos CVLOP é a formação entre pares (geralmente as equipes são compostas por professoras e professores-formadores com graduação em diferentes áreas do conhecimento) e entre as Oficinas das diferentes Coordenações Regionais de Ensino. Desta forma, a professora-formadora Aldanei Menegaz Andrade<sup>13</sup>, de Brazlândia, por exemplo, participou, em 1998, da formação ministrada em Ceilândia - “Contador de Histórias”: “projeto de curso construído a partir da reivindicação dos profissionais que frequentam a Oficina Pedagógica de Ceilândia e embasado no curso ‘Contadores de Histórias’ realizado no ano de 1997” (DISTRITO FEDERAL, projeto de curso, 1998). Todo este contexto e as vivências das professoras-formadoras de Brazlândia, com oficinas de encadernação, bonecos, produção de texto e técnicas para contar histórias, confluíram para que, em 1999, na Oficina Pedagógica de Brazlândia, fosse oferecida a primeira experiência de formação com o nome específico: “A Arte de Contar Histórias”, registrada documentalmente, a qual certificou 57 professores-cursistas. Duas professoras-cursistas desta primeira experiência participaram das Rodas Memográficas, encontros que buscaram promover a partilha das memórias entre os professores participantes das diferentes edições do curso. Na perspectiva de que “uma memória puxa outra”, as Rodas Memográficas acionaram performances narrativas dos sujeitos colaboradores, propiciando, no sentido proposto pela Pesquisa Narrativa, que grupos invisibilizados e/ou historicamente silenciados passassem a ser protagonistas do que está sendo narrado. Nas Rodas, se complementam, se esclarecem e se re-lembram os fatos coletivamente.

Uma das professoras-cursistas de Brazlândia, participante de uma das Rodas Memográficas, fez o seguinte relato:

Fiz o primeiro curso “A arte de contar histórias” em 1999, na Oficina Pedagógica de Brazlândia. O curso foi importantíssimo na minha trajetória da Secretaria, usei todos os conhecimentos em minhas salas de aula, repassei a colegas sempre que possível e fui me aperfeiçoando. Cheguei a fazer mais três cursos para conhecer novas técnicas e reciclar

---

<sup>13</sup> Professora-formadora na Oficina Pedagógica de Brazlândia e idealizadora do curso desde a 1ª geração.

minhas práticas pedagógicas. Depois atuei 10 anos em bibliotecas, então a prática na Contação de histórias passou a ser diária. Essas experiências me incentivaram a “me tornar escritora”! (Participante R.F.C., 27/07/2022, 22h58, via WhatsApp)

De acordo com os relatos das professoras, o curso tinha um cunho bastante prático, com foco em técnicas que procuravam desenvolver a expressividade narrativa por meio de trabalho corporal e vocal, do uso de figurino, acessórios, objetos de cena e também da manipulação de bonecos/fantoches. O resultado desta primeira edição foi tão positivo, não apenas em termos do quantitativo de interessados, mas também do retorno após o curso, que as professoras-formadoras de Brazlândia, Aldanei Menegaz e Neuza Machado decidiram apresentar uma proposta de formação de formadores que pudesse ser oferecida para as demais Oficinas Pedagógicas no ano seguinte (2000). Para isso, as professoras-formadoras apresentaram a peça “O Rei e a Bruxa que desembucha”, com fantoches, aos responsáveis da EAPE (Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação).

Embora as proponentes do curso fossem graduadas em Artes - Educação Artística, a constituição desta turma de Formação de Formadores era híbrida, havendo participantes de diferentes áreas do conhecimento. O curso foi autorizado a acontecer com repasse paralelo nas Coordenações Regionais de Ensino existentes, estratégia proposta pelas professoras-formadoras.

O projeto do curso, como formação em rede no ano 2000, possuía duas etapas: a primeira para as professoras e professores-formadores das Oficinas Pedagógicas (potenciais multiplicadores) e a segunda para as professoras e professores-cursistas das Regionais de Ensino. Tinha como solicitantes o Comitê do Pró-Leitura<sup>14</sup>, o Centro de Multimídia Educacional e as Diretorias Regionais de Ensino (DRE – atuais CRE). O programa ao qual estava vinculado era Pró-Leitura. Tinha como objetivo geral: “promover o aperfeiçoamento teórico/prático dos professores para que possam despertar seus alunos para serem capazes de entender o mundo em que vivem” (DISTRITO FEDERAL, Projeto de curso, 2000).

### **O curso A Arte de Contar Histórias – Pesquisa Documental (dados quantitativos)**

Após a formação de formadores, que serviria como inspiração e guia para outras escolhas pedagógicas e metodológicas durante o curso, a equipe de cada Oficina Pedagógica precisava adaptar

---

<sup>14</sup> O Comitê Pró-Leitura era composto por representantes da Universidade (UnB), do MEC e da própria SEDF. O Projeto Pró-Leitura iniciou-se como parte de um programa de cooperação entre Brasil e França, tendo como órgão executor o MEC. Foi criado em 1992. Para maiores informações, consultar: <http://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/me002524.pdf> Acesso em 10/09/2024, 04h

à sua realidade os conhecimentos adquiridos e ministrar a formação em diálogo com a realidade local e com as escolhas e orientações da equipe de professoras e professores-formadores de cada Oficina. De 1999 a 2003 formou-se o que vamos convencionar de 1ª Geração do curso “A Arte de Contar Histórias”.

Figura 1 – 1ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”



Fonte: elaborado pelas autoras a partir dos dados documentais

Na 1ª Geração do curso, foram certificadas 1.627 professoras e professores-cursistas, um quantitativo expressivo de docentes espalhadas nas Regionais de Ensino do Distrito Federal. Como se pode observar por meio da figura 1, o curso ia em uma crescente a cada ano, com expressivo aumento da quantidade de professoras e professores-cursistas participantes. Se considerarmos que cada uma e cada um atendesse uma média de 25 estudantes por ano (uma média tímida, uma vez que várias professoras e professores-cursistas eram de áreas específicas, além dos coordenadores e orientadores educacionais que possuíam um quantitativo muito maior de estudantes), chegaríamos a um número estimado de 40.675 estudantes beneficiados pela formação de maneira indireta. Após 5 anos de oferta do curso, porém, houve a primeira interrupção em 2004, causada por disputas internas à SEEDF<sup>15</sup>.

Em 2006, o curso voltou a ser ministrado pelas Oficinas. No entanto, não houve uma nova formação de formadores oficial para isso. Havia apenas encontros para trocas de experiências entre os professores-formadores às quartas-feiras.

<sup>15</sup> Conforme relatos ouvidos ao longo da pesquisa, alguns destes conflitos foram gerados por disputas entre as diferentes áreas, como Literatura e Artes, pela organização, coordenação e oferta do curso.

Figura 2 2 2ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”



Fonte: elaborado pelas autoras a partir dos dados documentais

A segunda geração do curso, que vai de 2006 a 2008, como mostra a figura 2, apresenta um equilíbrio com relação à quantidade de cursistas concluintes, com uma média de trezentos e cinquenta por ano. Observe-se que no primeiro ano já houve 376 professoras e professores certificados, um número bastante expressivo. Seguindo a mesma projeção, de 25 estudantes por cursista concluinte, teríamos cerca de 26.450 estudantes beneficiados pela formação de maneira indireta. Porém, em 2009, aconteceu a segunda ruptura, devido a conflitos de ordem política (mudanças de governo, entre outros) e o curso não teve autorização para ser oferecido por nenhuma Oficina Pedagógica durante os próximos seis anos.

Ávidos por receberem esta recomendada formação, em 2014, aconteceu um movimento por parte das professoras e dos professores da rede, oriundos principalmente das Regionais de Planaltina, Ceilândia, São Sebastião, que fizeram um abaixo-assinado para o curso voltar. Além disso, a professora Aldanei Menegaz Andrade que recentemente havia defendido seu mestrado, intitulado “Quem conta um conto, aumenta um ponto: contadores de histórias no Distrito Federal - 1991 a 2011” (ANDRADE, 2012), sinalizava que sua aposentadoria estava se aproximando. Assim, como idealizadora da primeira formação, gostaria de dar continuidade e deixar esse legado para as novas professoras e professores-formadores. A solicitação foi acatada e o curso pôde ser oferecido no ano de 2015 com nova formação de formadores (240 horas) e com repasse paralelo, nas 14 Regionais, de 180h.

Figura 3 3 3ª Geração do curso – “A Arte de Contar Histórias”



Fonte: elaborado pelas autoras a partir dos dados documentais

Com um total de 1.224 certificados emitidos, apresentado na Figura 3, a terceira geração, que aconteceu de 2015 a 2019, nos leva a projetar o quantitativo de 30.600 estudantes beneficiados indiretamente pela formação. No ano em que houve a formação de formadores (2015), observa-se um número mais expressivo de participantes. Acontece que nos anos subsequentes as Oficinas receberam outras demandas e precisaram dividir sua energia, diminuindo a quantidade de turmas oferecidas para o curso A Arte de Contar Histórias.

Em 2020, com 05 turmas previstas para acontecer, com início para o dia 19/03/2020, veio a pandemia e o decreto de suspensão das aulas presenciais. O coletivo dos CVLOP entendeu que seus cursos, por serem vivenciais, não se encaixariam no modelo remoto e, desta forma, todas as turmas foram suspensas. As 05 turmas estavam distribuídas nas Regionais de Planaltina, Guará e Núcleo Bandeirante. Na época, o coletivo de professoras e professores-formadores criou uma nova forma de atendimento, por meio de oficinas curtas oferecidas remotamente aos professores, em seu turno de coordenação. Foi uma experiência intitulada: “Oficinas Pedagógicas nas escolas: trilhas lúdicas para aulas remotas”. Durante esta experiência de formação em modelo remoto, que atendeu quase 10 mil professoras e professores por meio de oficinas curtas, foi elaborado um questionário-pesquisa para fazer o levantamento de interesse de temas de formação a serem ministrados. Tal questionário, com perguntas abertas, foi respondido por quase 4 mil professoras e professores participantes e a “contação de histórias” foi o segundo tema mais solicitado, ficando atrás apenas do tema “Jogos”.

Figura 4 4 Total de cursistas, nas 3 gerações do curso – “A Arte de Contar Histórias”



Fonte: elaborado pelas autoras a partir dos dados documentais

Com base nos arquivos documentais, pode-se concluir que o curso foi oferecido durante 13 anos, tendo acontecido algumas rupturas por razões diversas e independentemente da vontade das professoras e dos professores-formadores dos CVLOP. Percebe-se que em alguns anos a quantidade de professoras e de professores certificados é menor, devido à baixa oferta de turmas por várias circunstâncias contextuais. Mesmo assim, já foram certificados pelo curso 3.909 professoras e professores-cursistas, como mostra a figura 4, o que nos oferece a projeção de 97.725 estudantes beneficiados indiretamente pela formação, no recorte temporal da pesquisa (1999-2019).

### **O curso a Arte de Contar Histórias - Pesquisa Narrativa e Pesquisa Etnográfico Performativa (dados qualitativos)**

A Pesquisa Narrativa é definida por Clandinin e Connelly (2000) – autores fortemente influenciados pelo trabalho de Dewey - como uma abordagem metodológica que busca compreender as experiências humanas por meio da análise de narrativas pessoais. O método se destaca por capturar a complexidade das experiências, buscando construir os sentidos delas. Adotando como base metodológica a pesquisa narrativa, foi criado o subprojeto: “Rodas Memográficas: histórias inscritas nas memórias a partir do curso A Arte de Contar Histórias”, visando a análise do impacto do curso junto aos participantes (professores-formadores e professores-cursistas). Foram momentos que reuniram docentes envolvidos com a formação, de todas as gerações do curso. Aconteceram duas Rodas Memográficas presenciais e três online. As duas Rodas presenciais contaram com participação expressiva de professoras e professores formadores (cerca de 80 participantes), em que, a partir de algumas dúvidas suscitadas pelo levantamento documental, questões iam sendo elaboradas e, em grupo, memórias eram ativadas. Tais Rodas eram envoltas de propostas lúdicas, como dinâmicas de interação, contação de histórias, labirinto de memórias, além de ambientação, lanche colaborativo e partilha do planejamento do encontro para execução por algumas colaboradoras.

As três Rodas Memográficas online contaram com a participação de 16 professores-cursistas, em que se buscava, por meio do diálogo, compreender as camadas de contribuições – que o curso oferece para os e as participantes. A partir destas rodas de conversa, foi possível perceber que o curso colabora em vários aspectos:

- Para a prática pedagógica: produção de recursos para contar histórias, vivências diversas, aprendizagem de diferentes técnicas de encadernação (para confecção de livros artesanais), fomento à continuidade de formação continuada, elaboração e implementação de projetos de leitura/ contação de histórias na escola de atuação dos participantes.
- Para descobertas de possibilidades da atuação docente ao longo da trajetória profissional: despertar do contador de histórias do professor, nova possibilidade de atuação para professores readaptados e que atuam em bibliotecas, de modo a vivificá-las; possibilidade de atuação após a aposentadoria.
- Para a cena artística-cultural da cidade: “nascimento” de escritores (Taicy Ávila, Hozana Costa, Regina Caldeira, dentre outras), de contadores de histórias profissionais (Queila Branco, Ivete Valente, Elisângela Campos, entre várias outras), bem como grupos de contação de histórias (Paepalanthus, Amoras-DF, Matraka Aberta, Duo Flor de Cacau, para citar apenas

alguns), parceria com as Feiras do Livro de Brasília e outros projetos da própria SEEDF. Há ainda um projeto que alcançou destaque nacional, iniciado em 2006 a partir da participação de sua idealizadora no curso: o projeto Roedores de Livros, biblioteca comunitária criada em um Shopping Popular na Ceilândia<sup>16</sup>.

Já a Pesquisa Etnográfico-Performativa é uma metodologia que vem sendo desenvolvida no Grupo de Pesquisa Imagens e(m) cena, numa combinação de duas fontes: o método etnográfico<sup>17</sup>, desenvolvido no âmbito da antropologia (Hammerley e Atkinson, 2022), que prevê, entre outras coisas, pesquisa empírica, observação participante e registro detalhado do contexto (diário de campo); e a pesquisa-guiada-pela-prática ou prática-como pesquisa - PaR – Practice as Research – (Fernandes, 2014; Haseman, 2015; Scialom e Fernandes, 2021) que procura sistematizar as especificidades metodológicas do campo das artes.

No “Manifesto pela Pesquisa Performativa” (2015), Brad Haseman professor da Universidade de Queensland (Austrália), um dos precursores na definição desta abordagem, apresenta os princípios que fazem com que a pesquisa performativa seja uma terceira categoria, para além da pesquisa qualitativa e quantitativa. Para ele, “(...) pesquisadores guiados-pela-prática constroem pontos de partida empíricos a partir dos quais a prática surge. Eles tendem a ‘mergulhar’, começar a praticar para ver o que emerge” (HASEMAN, 2015, p. 44).

A Etnografia Performativa defende a ampliação dos métodos de observação tradicionais, acrescentando a dimensão artística na produção junto aos sujeitos. No artigo Luta pela Terra, Performance e Protagonismo Infantil no I Encontro Nacional das Crianças sem Terrinha, os autores (HARTMANN; SOUZA; CASTRO, 2020, p. 258) entendem “a performance como algo que ocorre na interação humana e que é capaz de gerar transformações em quem a executa e em quem a observa”. Eles ainda acrescentam que “a investigação por meio de práticas estéticas, lúdicas, performáticas permite constatar coletivamente como determinados comportamentos, ações e discursos são gerados e transmitidos, conferindo aos atores envolvidos uma percepção em relação a sua própria situação social” (HARTMANN; SOUZA; CASTRO, 2020, p. 258), algo possível de se vivenciar na prática das ações propostas pela pesquisa, de forma dialética e dialógica. De acordo com Vieira (2023, p 40), também membro do grupo, a etnografia performativa: “preconiza a ampliação das ações de

---

<sup>16</sup> Maiores informações sobre o projeto podem ser obtidas em:

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/roedores-de-livros>

<sup>17</sup> Embora concordemos com a antropóloga Mariza Peirano, que defende que “A Etnografia não é método” (Peirano, 2014), pois se configuraria também como uma teoria, para fins deste artigo vamos adotar a terminologia mais corrente, do “método etnográfico”.

observação e participação da etnografia tradicional, engendrando a dimensão artística (performativa) na produção dos sujeitos colaboradores da pesquisa”. Prevê não apenas a observação participante, mas processos de criação compartilhada com os colaboradores, unindo teoria e prática em um processo contínuo de reflexão-ação-reflexão.

Foram vários momentos em que esta dimensão performativa se faz presente na construção do processo *arte-histórico-pedagógico* junto às professoras e professores colaboradores da pesquisa. Ou seja, como diz Castro: “as escolhas foram feitas no sentido de construir o conhecimento em conjunto com os participantes” (CASTRO, 2021, p.15). Desde o princípio, diante de uma vivência tão expressiva e que impacta tantas trajetórias na história da educação no Distrito Federal, foi pulsante a necessidade de construir a memória viva desta experiência, uma vez que muitas e muitos colaboradores do início ainda se encontram entre nós, já aposentados. Para tanto, foram pensadas algumas ações: Rodas Memográficas (aconteceram 05 encontros para rodas de conversa sobre o curso), elaboração dos Memoriais de cada um dos CVLOP (os quais serão publicados em livro), produção de um documentário (em 2023, houve duas pré-estreias para apreciação dos colaboradores da pesquisa), além da participação no Prêmio Paulo Freire de Educação da Câmara Legislativa (projeto contemplado como um dos três melhores da categoria inscrita, em setembro de 2023) e da Sessão Solene em Homenagem aos 38 anos dos CVLOP (realizado em junho de 2024 e que premiou 2 professoras aposentadas, 01 professora da ativa de cada CVLOP, além de professoras que atuaram como coordenadoras das Oficinas Pedagógicas, com cerca de 50 menções honrosas entregues pela Câmara Legislativa do Distrito Federal).

## Considerações Finais

Consideramos que pesquisar este curso que acontece há tantos anos no DF contribui não apenas para visibilidade a uma ação de formação continuada potente, rica e que transformou a trajetória de muitos professores e professoras, como também para refletir, de uma maneira mais ampla, sobre a formação de professores no campo das linguagens artísticas e, mais especificamente, nas Artes Cênicas.

Apesar de ter encontrado algumas interrupções ao longo da trajetória, é incontestado o impacto do Curso A Arte de Contar Histórias para a rede pública de ensino do DF, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, reafirmando a importância da formação continuada para o exercício docente.

Ao abrir espaço para experimentações diversas na arte da cena, com foco na performance narrativa, relato recorrente entre os colaboradores da pesquisa é o quanto a vivência transformou suas práticas pedagógicas, favorecendo o engajamento dos seus estudantes que frequentemente esperavam ansiosos pelas novas propostas vivenciais a partir da participação dos seus professores no curso investigado.

A performance narrativa passa a fazer parte do cotidiano das professoras contadoras de histórias. Algumas foram iniciadas neste universo a partir do curso, outras ampliaram sua atuação ao contar histórias no pátio/auditório da escola e ainda há aquelas que passaram a empregar a contação de histórias para além das escolas, participando de projetos e eventos na cena cultural da região.

Neste curso, encontramos o ponto central no saber transdisciplinar e humanizador presente nas próprias histórias. Elas trazem em seu bojo o trabalho com as emoções, com a expressividade, com as performances. Os documentos e depoimentos analisados permitiram verificar que o curso fortaleceu e enriqueceu a prática de docentes das mais diversas áreas, etapas e modalidades de ensino.

A presente pesquisa mapeia, portanto, uma experiência consolidada de formação continuada de professores, que já impactou cerca de 100.000 estudantes. Neste campo transdisciplinar, as Artes Cênicas contribuem na formação de professores contadores de histórias, repercutindo em processos de ensino em salas de aula de todo o Distrito Federal.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Aldanei M. **Quem conta um conto, aumenta um ponto: contadores de histórias no Distrito Federal (1991 a 2011)**. 2012. 144 páginas. Dissertação (Mestrado em História – Instituto de Ciências Humanas – História Cultural, Universidade de Brasília. Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/11641>. Acesso em: 19/11/2024, 12h05.
- BEDRAN, Bia. **A Arte de Cantar e Contar Histórias – narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- CAFÉ, Ângela B. **Os contadores de histórias na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGAV), Universidade de Brasília. Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/19310>
- CASTRO, Ana C. de S. **A estética do oprimido como práxis pedagógica: um estudo com professores de artes do DF em tempos pandêmicos**. Dissertação de Mestrado. PPG-CEN/UnB, 2021, 165 p. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/jspui/handle/10482/43320>
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- DISTRITO FEDERAL. Portaria Nº 388, de 29 de novembro de 2018. Dispõe sobre as atividades desenvolvidas pelas Oficinas Pedagógicas (Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas) da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal e dá outras providências. Diário Oficial do Distrito Federal. **Brasília**, DF, p.15, 03 dez. 2018. Seção 1. Acesso em 17/10/2023, às 11h.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Brasília**. Projeto do curso: O contador de Histórias, 1998.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Brasília**. Projeto do curso: A arte de Contar Histórias, 1999.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação- EAPE. Setor de Documentação. **Brasília**. Projeto do curso: A Arte de Contar Histórias, 2000 - 2020.
- FARIA, Alessandra Ancona de. **Contar Histórias com o Jogo Teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FERNANDES, Ciane. Pesquisa Somático-Performativa. **Art Researt Journal/Revista de Pesquisa em Arte**. Natal, v. 1/2, p. 76-95, jul./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.36025/arj.v1i2.5262> Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5262>.

GIRARDELLO, Gilka (org.). **Baús e Chaves da Narração de Histórias**. 2ª. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

HASEMAN, B. Manifesto pela Pesquisa Performativa. In: **Seminário de pesquisas em andamento PPGAC/USP**, 5., 2015, São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 2015. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002732339.pdf>.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. **Etnografia: Princípios em prática**. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

HARTMANN, Luciana; CASTRO, Ana C. de S. A Etnografia performativa como metodologia de pesquisa em Artes Cênicas. **Revista Aspás**, São Paulo vol. 14, nº 01, p.70-88, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v14i1p70-88> Disponível em: [A Etnografia Performativa como metodologia de pesquisa em Artes Cênicas | Revista Aspás](#) Acesso em 27/11/2024, 11h40.

HARTMANN, Luciana; SOUSA, Jonielson Ribeiro de; CASTRO, Ana Carolina de Sousa. Luta pela terra, performance e protagonismo infantil no I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha (Brasília – 2018). **Tomo**, Aracajú, v. 37, p. 253–286, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21669/tomo.vi37.13253> Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/13253> Acesso em 27/11/2024, 11h45.

KINCHELOE, J. L. Introdução. O poder da bricolagem: ampliando os métodos de pesquisa. In: KINCHELOE, J. L.; BERRY, K. S. **Pesquisa em Educação**. Conceituando a bricolagem, Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014.

POLLOCK, Della (ed.). **Remembering - Oral History Performance**. New York : Palgrave MacMillan, 2005.

SCIALOM, Melissa; FERNANDES, Ciane. Prática artística como pesquisa no Brasil: Algumas reflexões iniciais. **Revista de Ciências Humanas**, 2 (22), 2022. Disponível em <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/14230>. Acesso em 27/11/2024, 11h50.

TIERNO, G. (org.) **A Arte de Contar Histórias – abordagens poética, literária e performática**. São Paulo: Ícone, 2010.

VIEIRA, Debora Cristina Sales da Cruz. **Mundos de vida em performances narrativas de crianças pequenas de escolas da infância do Distrito Federal**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade de Brasília, 2023.

VITAL, Antônio. **É possível**: as realizações do engenheiro Cristovam Buarque na direção de uma nova esquerda. São Paulo: Geração Editorial, 2006.